



TRABALHOS

DE

Antropologia e Etnologia

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E
ETNOLOGIA E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOLUME XI

DA SOCIEDADE E DO CENTRO

SUBSIDIADO PELO INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA

PORTO

Sede da Soc. e do Centro: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA—Faculdade de Ciências

Estudos sobre a população da cidade do Porto

I

(Evolução demográfica)

POR

Maria Fernão Couceiro da Costa

Ao iniciar a publicação destes breves estudos sobre a população da cidade do Porto, tenho por objectivo focar três pontos essenciais:

- 1.º) evolução global da cidade no ponto de vista demográfico;
- 2.º) composição da população no que diz respeito à sua naturalidade e sua distribuição na cidade segundo os bairros;
- 3.º) movimento da população e suas perspectivas.

Assim, começarei por dar uma ideia do que foi a evolução demográfica do Porto através da longa história deste aglomerado urbano, reservando-me para mais tarde tratar dos outros dois assuntos.

Na apreciação do tema escolhido, focarei fundamentalmente os aspectos seguintes: Quantitativos populacionais; distribuição da população por sexos, idades, estado civil e profissões.

I — QUANTITATIVOS POPULACIONAIS NO CURSO DOS TEMPOS

Tendo-se atribuído ao Porto as mais diversas origens, sabe-se hoje, por elementos cientificamente confirmados, que a sua exis-

tência remonta à densa obscuridade dos tempos pré-históricos, porventura a mais de 3 ou 4 mil anos antes de Cristo. A existência de achados ou estações paleolíticas na Foz do Douro, Ervilha, Nova Sintra, esteiro de Campanhã, etc., está assente de modo a não haver dúvida sobre a presença do homem da mais remota idade da pedra na área da cidade actual. Deve-se o conhecimento de tal documentação às pesquisas de Frederico de Vasconcelos, Serpa Pinto, Dias Gaspar, Russel Cortez, etc.

Anteriormente a qualquer invasão proto-histórica existiriam núcleos indígenas, galaico-lusitanos, nos « castros » da Foz, Massarelos, Campanhã e Sé.

No alto do Corpo da Guarda, junto à eminência da Sé, um « oppidum », a « Cidade », seria, talvez, a povoação denominada Cale, que, transformada e agregada a outros núcleos, se converteria, alguns séculos mais tarde, no nosso Porto (1).

Vem o domínio romano, e à Cale proto-histórica sucede Portucale, situada, possivelmente, no local hoje ocupado pela Ribeira, em consequência das condições naturais do acesso na margem direita do Douro e das necessidades de tráfico com Lisboa e outras povoações do Sul. Mas, em breve, os dois « Portucale castrum » se alcandoram nas eminências da Sé e do « Castelo » de Gaia, e nas faldas dessas eminências das duas margens.

Portucale progride sucessivamente sob os domínios suevo e visigótico, até ser avassalado pela invasão árabe. Vem a reconquista cristã, e, dessas lutas seculares, ressurgue, no princípio do século XI, a povoação do Porto.

Incluída no Condado Portuçalense, passa, em 1092, a ser governada pelo Conde D. Henrique. Em 1020, D. Teresa, tendo instituído o couro do Porto, doou-a ao Bispo D. Hugo, o grande

(1) *As origens da cidade do Porto*, do Prof. Mendes Correia, 2.^a edição, 1935.

fomentador da sua populosidade, que, em breve, o transformava em sede duma larga província diocesana.

É impossível fazer um cálculo do número de habitantes que teria o Porto por alturas dos domínios romano, visigótico ou árabe, nem tão-pouco na época da fundação da nossa nacionalidade.

Apenas a partir do século XIII, começam a surgir, aqui e além, elementos de elucidação sobre os quantitativos populacionais que podemos vagamente atribuir ao antigo burgo do Porto.

Os documentos em que se baseiam os números colhidos sobre a população do país nestes primeiros séculos da monarquia, são, principalmente, as cartas do foral, as Inquirições e os róis de bêteiros.

Mas, todos esses elementos são escassos e de pouco valor para um estudo profundo e seguro da demografia do Porto.

Os números apontados referem-se a áreas diferentes das de hoje, muitas vezes sem limites fixos, o que nos impossibilita de tirar conclusões comparativas. Além disso, o número de habitantes é, geralmente, avaliado pelo número de almas de confissão ou comunhão. Desta forma, estão excluídos, sem dúvida, os que professavam outra fé, como os judeus, as crianças das primeiras idades e os escravos.

Os primeiros dados mais concretos referem-se, porém, ao século XV, durante o qual a população portuguesa progride visivelmente.

Estes dados são-nos fornecidos por uma lista de recenseamento dos bêteiros do couto ordenada por D. João I e incluída, mais tarde, na compilação de leis denominada «Ordenações Afonsinas». Essa lista fornece os seguintes números para o ano de 1422:

População de Portugal	1.310.000 almas
» do Porto	8.500 almas
» de Lisboa	63.750 almas

A população do Porto constituiria, assim, 0,6 % da população de Portugal inteiro, devendo ser excedida pela doutras terras, hoje muito inferiores, como Braga, Ponte de Lima, etc.

Duma maneira geral, os números revelam, como se vê, uma população muito exígua, e isto compreende-se bem, atendendo a que o país atravessava um período de guerras longas e difíceis, de que as terríveis epidemias eram infalível consequência.

As péssimas condições do burgo do Porto no ponto de vista da higiene contribuam, sem dúvida, para essa limitação de progresso demográfico. Acrescente-se que, ao findar do século, a expulsão dos judeus, decretada por D. Manuel I, deve ter acarretado uma forte diminuição populacional e económica, numa cidade em que a judiaria do Alto da Vitória exercia um papel preponderante no comércio e na vida em geral.

Não obstante todos estes factos debilitadores da população portuense, verifica-se que o século XV foi um século de progresso demográfico, tendo-se reconhecido nas Cortes de Coimbra de 1472 que a população do Reino aumentara consideravelmente nas comarcas de Entre Douro e Minho, a julgar pelo maior rendimento do tributo denominado «dez reis de Ceuta».

Quanto à cidade do Porto, Ricardo Jorge ⁽¹⁾ supõe que a sua população seria constituída, durante o século XV, por uma média de 12.177 habitantes.

No ano de 1527, por ordem de D. João III, foi iniciado um inquérito para marcar os limites dos lugares e o número de fogos, de que em 1532 se teve um conhecimento mais completo.

Foi assim que se conseguiu avaliar o desenvolvimento demográfico do Porto ao iniciar-se o século XVI.

(1) *Origem e desenvolvimento da população da cidade do Porto*. 1897, pág. 93.

A população da cidade era, segundo o censo referido, duma totalidade de 13.527 habitantes, alojados em 3.006 fogos.

Confrontando estes dados com os obtidos para o ano de 1422, vê-se que a população do Porto aumentara de 5.027 habitantes, num período de pouco mais dum século, o que equivale a um aumento, em percentagem, de 59,1 %.

Segundo o mesmo cômputo de 1527, a população de Portugal inteiro seria de 1.326.000 habitantes. A população do Porto constituiria assim 3,7 % da população total do país, o que indica que ela aumentara, não só em valor absoluto, mas também relativamente àquela.

Decorrido um século, temos um novo informe demográfico para a cidade do Porto que nos é fornecido pelo rol de almas das freguesias, organizado pelo Bispo D. Rodrigo da Cunha, em 1623.

Esse rol, estudado e sintetizado pelo Prof. Ricardo Jorge (1), dá o seguinte número correspondente à população das freguesias urbanas e sub-urbanas da cidade: 14.581.

Confrontando agora este número com o obtido do inquérito de D. João III em 1527, que o Prof. Ricardo Jorge fixou em 12.177, vê-se que a população do Porto aumentou, no decurso deste novo século, 2.404, ou seja, uma percentagem de 19,8 %, o que é, de facto, muito pouco.

Não podia o Porto fugir à lei geral do país, que sofreu, durante esta época febril de Descobertas e colonizações, uma quebra apreciável no seu desenvolvimento demográfico. «Aos fumos da Índia acorria metade de Portugal, principalmente do centro e do sul, mais de 8.000 homens por ano, de que mal regressavam uns 10» (2).

(1) *Origem e desenvolvimento da população da cidade do Porto*, cit., pág. 97.

(2) Eng. Ezequiel de Campos — *O Enquadramento geoeconómico da população portuguesa através dos séculos*, 1943, pág. 95.

Segundo o Prof. Amorim Girão (1), em 1640, em todo o continente, não seríamos mais de 1.300.000 pessoas.

Houve, portanto, um decréscimo, na totalidade da população, de 200.000 habitantes no decorrer de pouco mais de um século.

O facto de a cidade do Porto apresentar um saldo, embora pequeno, quando o país inteiro decresce assustadoramente de população, parece vir confirmar a hipótese de que foi o novo ideal de navegações e colonizações a causa preponderante dessa diminuição. Esse ideal teria atraído especialmente Lisboa e outras povoações do sul, em melhores condições geográficas de o realizar, poupando um tanto a pacata e trabalhadora burguesia do Porto. Esta como que conservava, de há séculos, arreigado o velho privilégio de manter os seus filhos em salvaguarda contra os perigos provenientes das guerras e navegações. Daí, o ter a cidade progredido numéricamente, quando outras diminuíram.

Mais tarde, as longas guerras da Restauração, que duraram de 1640 a 1668, devem ter contribuído também para que durante todo o século XVII se mantivesse no país este estado lamentável de decrescimento demográfico.

Surge o século XVIII e, embora durante a sua primeira metade o aumento da população não tivesse sido muito sensível, nos anos que se lhe seguiram o Porto progride notavelmente em construções, em comércio, em indústria e demografia.

O cômputo estatístico do geógrafo D. Luís Caetano de Lima, de 1732, dá-nos, segundo o Prof. Ricardo Jorge (2), uma popula-

(1) Prof. Amorim Girão — *Evolução demográfica e ocupação do solo continental*. Colecção «Estudos da População Portuguesa», in «Biblos», Coimbra, 1944, pág. 9.

(2) *Origem e desenvolvimento da população da cidade do Porto*, cit., pág. 99.

ção de 22.714 habitantes para as freguesias urbanas e sub-urbanas da Sé, S. Nicolau, Vitória, Santo Ildefonso e Miragaia.

Confrontando este valor com o obtido do rol de D. Rodrigo da Cunha, de 1623, correspondente aproximadamente à mesma área — 14.581 habitantes — vê-se que a população aumentou de 8.133 indivíduos em pouco menos de um século, o que dá um aumento, em percentagem, de 55,8 % — muito maior que o do século anterior.

Em 1742, a população do país foi apurada em 1.742.807 habitantes, alojados em 459.800 fogos.

Em 1776, o censo do Intendente Pina Manique registou 744.980 fogos e 2.500.000 pessoas.

Em 1787, portanto, decorrido apenas cerca de meio século desde que fora elaborado o cômputo estatístico de D. Luís Caetano de Lima, o desenvolvimento demográfico do Porto é susceptível de nova apreciação pelo cálculo do Padre Rebelo da Costa.

Este revela-nos que o aumento da população da cidade durante este século foi notável, tornando-se ela cerca de quatro vezes maior do que era em 1623.

Os números obtidos para as mesmas freguesias consideradas no cômputo anterior são os seguintes:

Fogos	10.891
Homens	22.597
Mulheres	22.807
Total	45.404

Comparando os números fornecidos para a população do Porto em 1787 e 1732, vê-se que houve um aumento de 22.690 habitantes em cerca de meio século, portanto numa percentagem de 104 %.

Este aumento de população, nunca até aí atingido, está relacionado com o progresso económico da cidade, que é manifesto no decorrer do século XVIII.

O comércio do norte do país vai-se, a pouco e pouco, concentrando nesta cidade, o tráfico vinícola aumenta consideravelmente, primeiro em consequência do tratado de Metween, mais tarde, duma maneira decisiva, em virtude da criação da Companhia Geral de Agricultura e Comércio dos Vinhos do Alto Douro, obra do Marquês de Pombal.

O censo de 1801, ordenado pelo ministro do Reino, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Conde de Linhares, dá, para as sete freguesias principais do Porto, 43.218 habitantes, o que é bastante inferior ao número fornecido pela estatística anterior.

Este número parece, de facto, demasiadamente diminuto para a época, se bem que, por sua vez, o fornecido pelo Padre Rebelo da Costa nos pareça errado por excesso.

O mesmo censo, realizado por ordem do Conde de Linhares, deu, para a população total do continente, 2.931.000 habitantes, distribuídos por 758.500 fogos.

Entretanto, surgem as invasões napoleónicas, e, com elas, o desenvolvimento demográfico do país não pode deixar de se ressentir fortemente.

O Porto foi também teatro trágico dessas calamidades, por ocasião da invasão de 1809. Numa fuga precipitada em face do poderoso exército de Soult, a população lança-se desvairadamente ao rio Douro, no célebre desastre da ponte das barcas, tristissimamente relembrado em todos os tempos.

Este trágico acontecimento e todas as consequências que a guerra traz à população duma cidade por onde passa duramente, deixaram marcas indeléveis de depauperamento na vitalidade e evolução demográfica do Porto.

O censo de 1819 atribui à cidade uma população de 45.180

habitantes, correspondentes às cinco freguesias urbanas e sub-urbanas, para as quais Rebelo da Costa dera, em 1787, o número de 46.404.

Com um intervalo de menos de dez anos, começam as guerras civis entre liberais e absolutistas.

Como sabemos, o Porto também não foi alheio à luta e, portanto, às respectivas consequências. Foi desta cidade que saiu o primeiro grito de revolta — a revolução de 1820, chefiada por Fernandes Tomás.

Segue-se o triste desenrolar das lutas que duraram até 1834.

O cerco do Porto, de Julho de 1832 a Abril de 1834, trouxe, como não podia deixar de ser, uma forte diminuição no desenvolvimento populacional da cidade.

Como se a exiguidade de recursos e os esforços duma população exausta e já faminta não bastassem para lembrar às gerações futuras o que o Porto sofreu, em 1832, em pleno cerco, desembarca perto da cidade um reforço constituído por um contingente de recrutas belgas, no qual vêm onze soldados atacados pelo cólera. Esta terrível doença espalha-se velozmente pela cidade em horrenda epidemia, dizimando a população enfraquecida e febril.

Com o fim de tomar medidas preventivas contra a calamidade, fez-se um cômputo estatístico da população, o qual indicou 50.000 habitantes.

Em 1838, tendo terminado havia já quatro anos as guerras liberais, faz-se a divisão paroquial da cidade, e, dos dados estatísticos então fornecidos, Ricardo Jorge extraiu os seguintes números, que põem bem em evidência o estado de empobrecimento demográfico a que o Porto chegara em trinta anos de lutas.

Total de fogos	13.163
Total de almas	59.370 (1).

Tendo sido incluídas neste censo novas freguesias consideradas ainda como vizinhas no censo de Rebelo da Costa de 1787, não poderemos comparar o número total de almas agora obtido com o de 46.404, atrás mencionado, mas com o de 61.462, correspondente ao total de freguesias urbanas, sub-urbanas e vizinhas. Vê-se, assim, que houve um decréscimo de população, em meio século, de cerca de 2.000 habitantes.

Neste mesmo ano de 1838, o censo geral da população do continente deu 3.224.474 habitantes, o que é um indício de que se estava numa época de nítido desenvolvimento demográfico, pois, não obstante as guerras internas e externas que, sem dúvida, o perturbaram grandemente, houve um aumento de 292.744 habitantes, num período de menos de 40 anos.

Mas é a partir desta data que a população do país e, dentro deste, a da cidade do Porto, entra verdadeiramente em intenso crescimento.

É também a partir da segunda metade deste século que começamos a ter elementos relativamente seguros sobre os quantitativos populacionais, pois só então aparecem os censos regulares da população.

Em 1864 organiza-se o primeiro, que fornece para a população portuense o número de 90.391 habitantes. Em 26 anos, a população aumentava em cerca de 30.000 habitantes.

Seguem-se os censos de 1878, 1890, 1900, 1911, 1920, 1930 e 1940, que nos permitem, duma maneira já precisa, avaliar da evolução demográfica da cidade.

(1) *Origem e desenvolvimento da população da cidade do Porto*, cit., pág. 104.

O urbanismo é um movimento que se começa a manifestar no século XIX e se vai intensificar duma forma quase assustadora no decorrer do século XX. Com ele, a população do Porto, como a das principais cidades do país, aumenta consideravelmente.

Sabemos que a causa não é, pròpriamente, um aumento de natalidade, pois que este passou a ser também para o Porto, embora em menor escala do que para Lisboa e muitíssimo menos que para outras cidades estrangeiras, frequentemente negativo. É a grande corrente migratória que se estabelece do campo para as cidades litorais que tem provocado um aumento exagerado das populações citadinas, impressionante nas duas últimas décadas.

Damos um gráfico (fig. 1) das percentagens de aumento médio anual da população no Porto e no Continente em geral, a partir da data do primeiro censo regular do país. Damos também (fig. 2) a representação gráfica da evolução demográfica da cidade, desde 1422 a 1940.

Quadros do aumento da população

I — Na cidade do Porto

Censos	População presente	Aumento	Aumento médio anual	População média no período	Percentagem de aumento médio anual
1864	90.391	—	—	—	—
1878	110.667	20.276	1.448	100.529	1,44
1890	146.739	36.072	3.006	128.703	2,34
1900	167.955	21.216	2.122	157.347	1,35
1911	194.009	26.054	2.368	180.982	1,31
1920	203.091	9.082	1.009	198.550	0,50
1930	232.280	29.189	2.919	217.686	1,34
1940	262.309	30.029	3.003	247.295	1,22

II — No Continente em geral

Censos	População presente	Aumento	Aumento médio anual	População média no período	Percentagem de aumento médio anual
1864	4.188.410	—	—	—	—
1878	4.550.699	362.289	25.877	4.369.554	0,59
1890	5.049.729	499.030	41.558	4.800.214	0,81
1900	5.423.132	373.403	37.340	5.236.431	0,71
1911	5.960.056	536.924	48.811	5.691.594	0,76
1920	6.032.991	72.935	8.104	5.996.524	0,13
1930	6.825.883	792.892	79.289	6.429.437	1,23
1940	7.722.152	896.269	89.627	7.274.018	1,23

Estes dois quadros e o gráfico que lhes corresponde permitem-nos comparar o crescimento da população portuense com o de Portugal em geral. Como se vê, as percentagens de aumento na cidade são muito mais elevadas do que no país, o que é uma confirmação do que já disse a propósito do movimento urbanístico que se vem acentuando no decurso dos séculos XIX e XX.

O gráfico (fig. 1) mostra que o grande aumento da população portuense se deu de 1878 para 1890. Daí por diante, a percentagem vai enfraquecendo, embora com algumas subidas importantes, como de 1920 para 1930.

De 1911 a 1920, a percentagem de aumento é, relativamente, muito pequena, em consequência da excepcional mortandade por doenças epidémicas e, sobretudo, pela célebre pneumónica que vitimou milhares de pessoas.

III — Evolução demográfica da cidade

Datas de estimativas e censos	Habitantes
1422	8.500
1527	13.527

Datas de estimativas e censos	Habitantes
1623	14.581
1732	22.714
1787	46.404
1819	45.180
1833	50.000
1838	59.370
1864	90.391
1878	110.667
1890	146.739
1900	167.955
1911	194.009
1920	203.091
1930	232.280
1940	262.309

*

* *

É evidente que todos estes elementos de apreciação do aumento demográfico da cidade do Porto através da sua existência só nos conduziriam, na verdade, a conclusões rigorosamente exactas, uma vez que a área da cidade se tivesse mantido constante.

Ora, sabemos que os limites do burgo não foram sempre os que são hoje e muito pouco se conhece ainda acerca da sua evolução.

Tendo começado por um obscuro burgo nas faldas da emi-nência da Sé, a cidade passa a ser limitada, alguns séculos mais tarde, pela cinta de muralhas denominada fernandina, de que ainda hoje se podem observar alguns vestígios.

Ultrapassadas essas muralhas, vai-se, a pouco e pouco, alargando a área citadina e vão sendo anexadas novas freguesias.

Percentagem de aumento médio anual da população

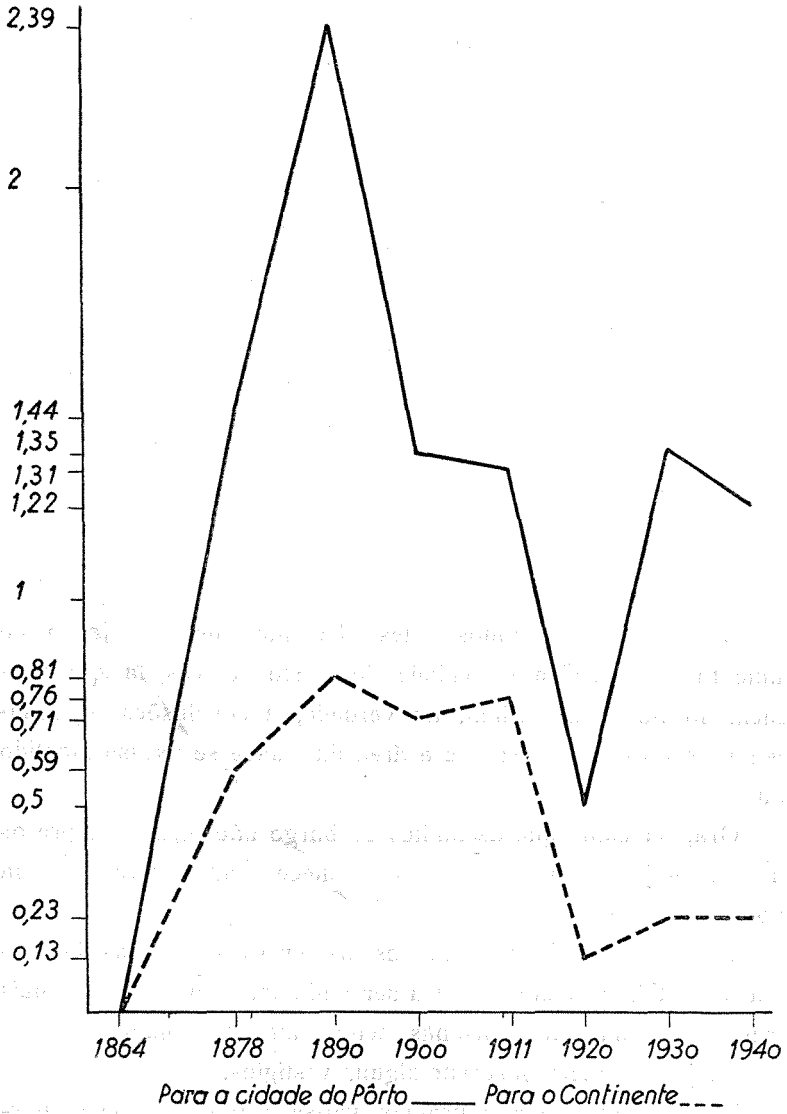


Fig. I

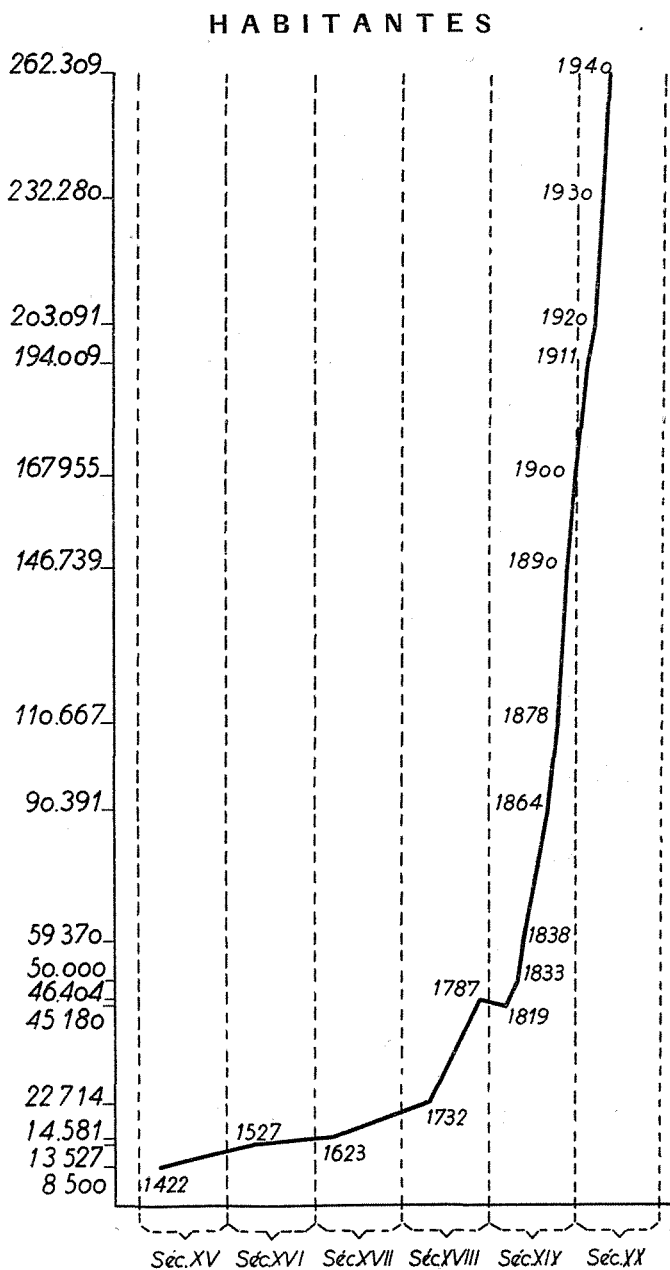


Fig. 2

Em 1895, a estrada da Circunvalação ficou a definir os limites da cidade. Mas, em 1898, foram incluídas na sua área as porções das freguesias de Paranhos e Campanhã que ficavam para lá da estrada da Circunvalação.

Os limites que ainda hoje perduram, ficaram sendo os seguintes: a sul, o rio Douro, a oeste, o Oceano Atlântico, a norte e a leste, os concelhos vizinhos de Matosinhos, Maia, Valongo e Gondomar.

Estes, assim como o de Vila Nova de Gaia, têm com a cidade uma estreita afinidade, principalmente os de Matosinhos e Gaia, cuja densidade e desenvolvimento industrial muito se relacionam com o progresso demográfico e económico do Porto.

A medida em que estas anexações de novos concelhos e freguesias, e, duma maneira geral, todas as modificações de área sofridas exerceram influência no desenvolvimento demográfico da cidade é, porém, um problema que não pode ser tratado tão superficialmente.

Reservarei, por isso, para um novo trabalho em que estudarei a distribuição da população por freguesias, essas sucessivas modificações de limites urbanos e a sua relação com o aumento de população verificado.

II — DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS

A proporção dos dois sexos dentro duma população é, sem dúvida, um elemento demográfico do mais alto interesse pelas considerações económicas, morais e até políticas que pode sugerir.

Damos, a seguir, um quadro em que se pode apreciar a evolução que essa proporção sofreu na cidade do Porto desde 1864 até hoje, uma vez que não dispomos de dados estatísticos que nos permitam investigá-la mais longe.

Como elemento de comparação, apresentamos um quadro idêntico para o país (continente e ilhas adjacentes).

IV — População por sexos na cidade do Porto

Censos	Varões	Fêmeas	Número de fêmeas p/ 100 varões	Número de varões p/ 100 fêmeas
1864	42.527	47.864	112,5	88,8
1878	52.611	58.056	110,3	90,6
1890	70.550	76.189	108,0	92,5
1900	79.640	88.311	110,9	90,2
1911	90.037	103.972	115,5	86,6
1920	94.498	108.593	114,1	87,0
1930	105.475	126.805	120,2	83,1
1940	117.997	144.312	122,3	81,7

V — Na Metrópole

Censos	Varões	Fêmeas	Número de fêmeas p/ 100 varões	Número de varões p/ 100 fêmeas
1864	2.005.540	2.182.870	108,8	92,5
1878	2.175.829	2.374.870	109,1	91,7
1890	2.430.339	2.619.390	107,8	93,5
1900	2.491.600	2.831.532	109,3	91,7
1911	2.828.691	3.131.365	110,7	90,8
1920	2.855.818	3.177.173	111,3	90,0
1930	3.255.876	3.570.007	109,6	91,7
1940	3.711.748	9.010.404	108,0	92,5

Comparando os dois quadros referidos ou os gráficos correspondentes (figs. 3 e 4) vemos que, no nosso país, sempre tem

Proporção dos sexos (Fêmeas por 100 varões)

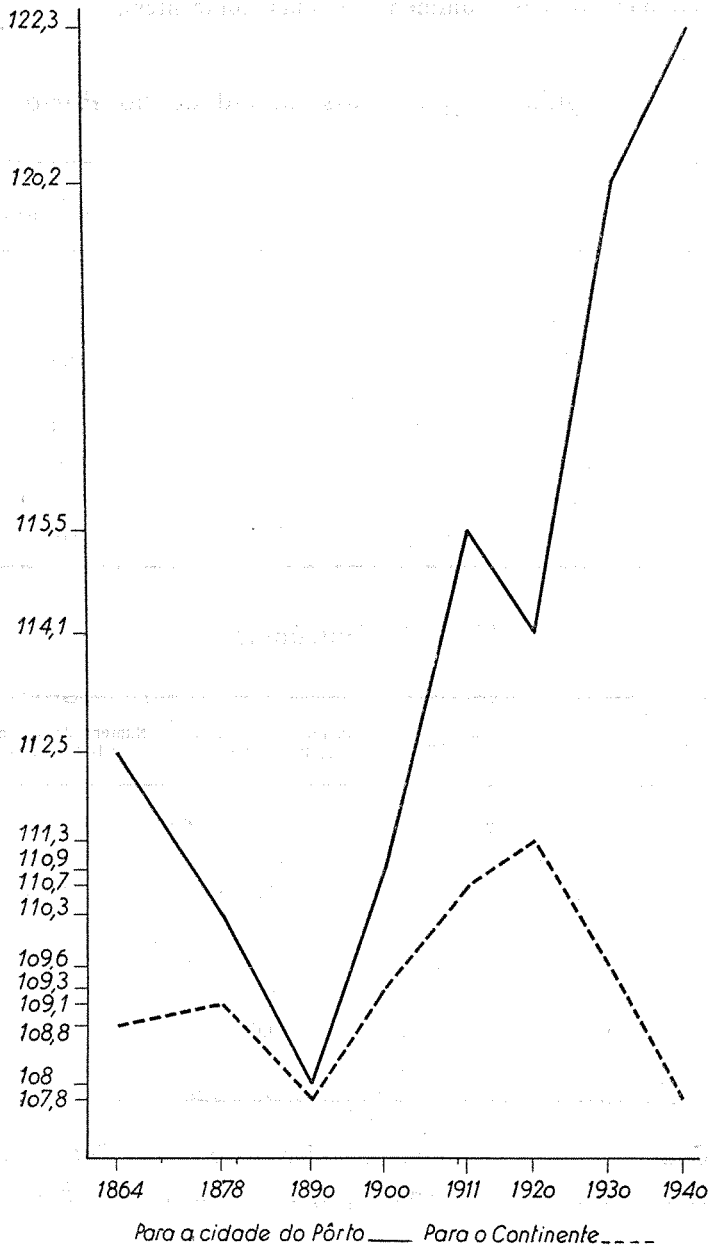


Fig. 3

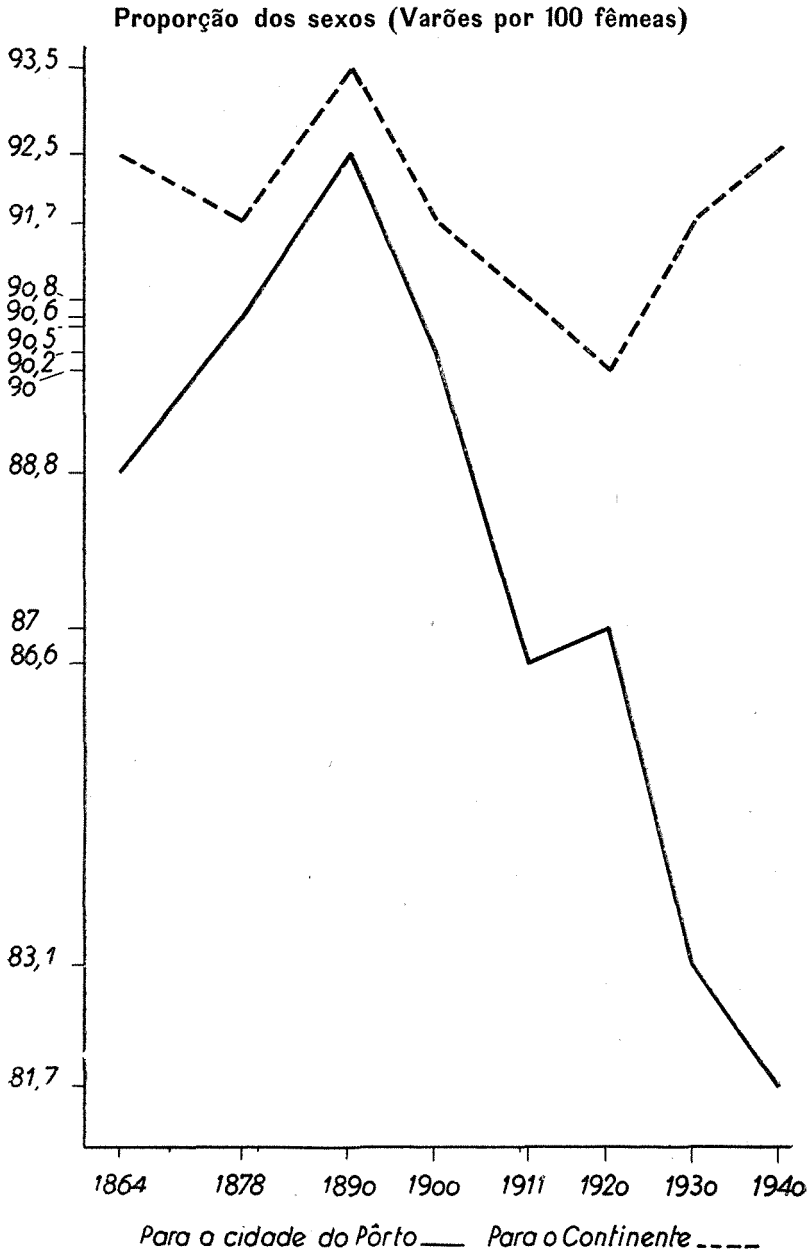


Fig. 4

havido uma maior percentagem de mulheres, que atingiu o valor máximo em 1920, vindo declinando de então para cá. Para a cidade do Porto, os números são bastante mais elevados e têm subido muito nos últimos vinte anos, atingindo o valor máximo em 1940.

Concluimos, assim, que, dentro do país, o Porto é uma das cidades que apresenta maior percentagem de mulheres.

Ao tratar, seguidamente, da distribuição da população por idades, farei ainda referência à maior ou menor percentagem dos sexos conforme a idade.

III — DISTRIBUIÇÃO POR IDADES

A distribuição duma população por idades é também um elemento estatístico de valor para apreciar certos fenómenos sociais e económicos.

Damos, a seguir, obedecendo ao critério adoptado em Portugal, um quadro estatístico em que os habitantes da cidade do Porto se encontram distribuídos por 20 grupos de cinco em cinco anos cada um, conforme os elementos colhidos no último recenseamento da população. Para confronto, darei idêntico quadro para o país (continente e ilhas adjacentes).

A emigração e a alta ou baixa natalidade são factores a considerar na apreciação do predomínio de crianças e velhos nas diversas cidades.

No quadro referente ao Porto, damos também a indicação dos sexos e percentagem de mulheres para cada grupo de idades considerado.

Como se vê, as idades de 10 a 14 anos e de 15 a 19 são as que dão maiores percentagens de habitantes à cidade do Porto, sendo, respectivamente, de 12 % e 11,9 %. A partir dos 30 anos,

a percentagem de pessoas vai diminuindo progressivamente com a idade. A percentagem de crianças de idade inferior a 5 anos é ainda bastante elevada, o que nos mostra que, não obstante a diminuição de natalidade, como em todo o mundo, não poder deixar de afectar a cidade do Porto, não atingiu, de forma alguma, as proporções assustadoras que reveste em algumas cidades do mundo, inclusivamente em Lisboa. Mesmo assim, a cota da população de menos de 5 anos é, no Porto, inferior à do país, o que é mais uma confirmação de ser nos meios citadinos que essa baixa de natalidade se tem feito sentir mais intensamente.

Para apreciarmos melhor estas diferenças, damos, a seguir, as pirâmides representativas (figs. 5 e 6) da distribuição por idades das populações de Lisboa e Porto, em que se vê claramente o que fica dito. Oportunamente me ocuparei da distribuição da população portuense por naturalidades.

Quanto à repartição dos sexos por idades nas cidades do Porto, vejamos o quadro.

A idade de mais intensa masculinidade é a de 21 anos, em que o número de varões é de 2.743 e o de mulheres é de 2.146, portanto, 128 homens para cem mulheres. Em crianças de idade inferior a um ano a percentagem do sexo masculino é também ligeiramente mais elevada que a do sexo feminino, sendo a relação de 102 para 100.

De uma maneira geral, até aos 6 anos de idade, o número de rapazes aproxima-se muito do de raparigas, havendo, na totalidade, 95 dos primeiros para 100 das segundas.

Como se depreende destes dados estatísticos, o número de crianças do sexo masculino nascidas em 1940 na cidade do Porto foi superior ao de crianças do sexo feminino. No entanto, em idades mais elevadas, vai diminuindo a percentagem de homens e aumentando a das mulheres duma maneira quase contínua,

Para a cidade do Porto

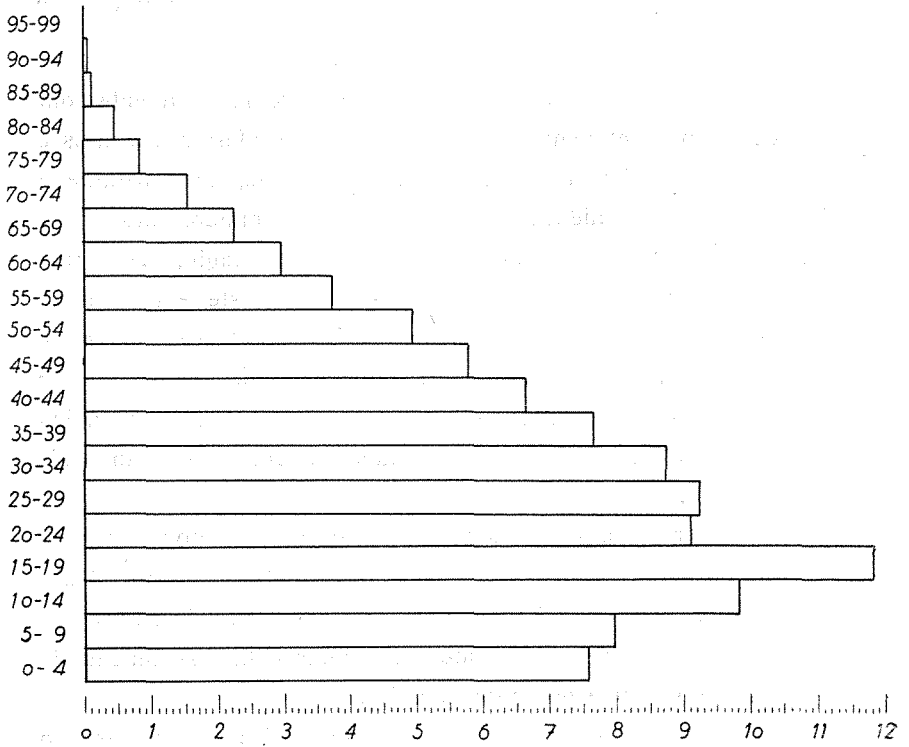


Fig. 6

Para a cidade de Lisboa

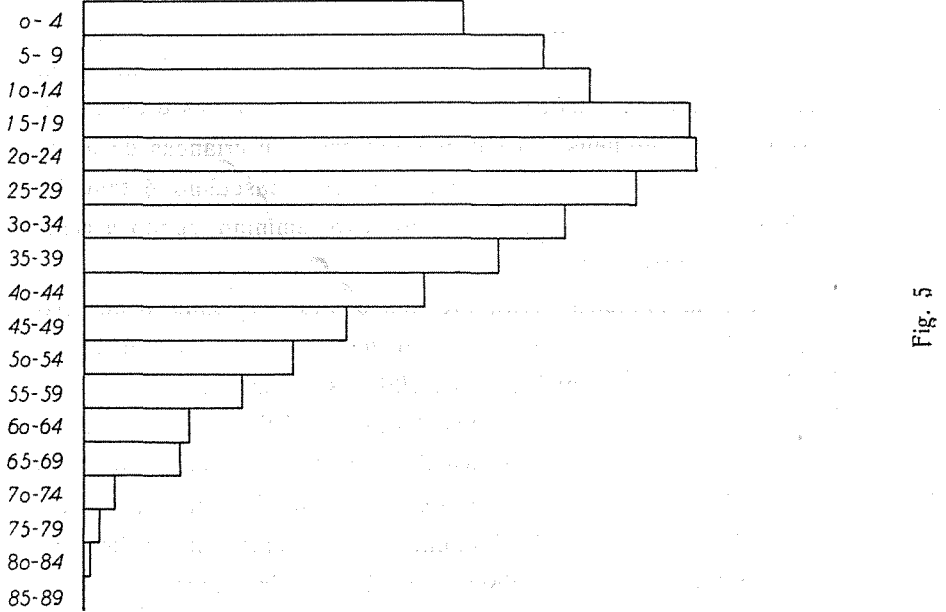


Fig. 5

chegando esta a atingir valores superiores a 70 % para idades de mais de 80 anos.

VI — População da cidade do Porto por sexos e idades

Grupos de idades	Números absolutos	%	Varões	Fêmeas	Porcentagem de F.
0 a 4 anos	19.938	7,6	9.710	10.248	50,5
5 » 9 »	21.016	8	10.179	10.837	51
10 » 14 »	25.981	9,9	12.371	13.610	52,5
15 » 19 »	31.226	11,9	14.882	24.269	77,5
20 » 24 »	24.203	9,2	11.739	12.464	51
25 » 29 »	24.546	9,3	11.195	13.351	54
30 » 34 »	22.379	8,8	10.141	12.238	54
35 » 39 »	20.241	7,7	8.923	11.318	56
40 » 44 »	17.573	6,7	7.544	10.029	57
45 » 49 »	15.324	5,8	6.676	8.648	57
50 » 54 »	13.041	5	5.430	7.611	58,5
55 » 59 »	9.964	3,8	3.905	6.059	61
60 » 64 »	8.051	3	2.935	5.116	63,5
65 » 69 »	5.984	2,3	2.030	3.954	66
70 » 74 »	4.149	1,6	1.496	2.653	64
75 » 79 »	2.452	0,9	787	1.665	67,5
80 » 84 »	1.242	0,5	317	925	74,5
85 » 89 »	473	0,18	107	366	77,5
90 » 94 »	303	0,16	74	229	75,5
95 » 99 »	193	0,07	35	158	83
100 e mais	21	0,008	6	15	71

Parece assim confirmar-se na cidade do Porto o fenómeno já há muito verificado de que os homens morrem mais cedo do que as mulheres.

Nota-se também uma percentagem excessiva e anormal de mulheres na idade dos 14 aos 19 anos, o que revela a influência de factores de ordem diversa dos genéticos ou geográficos, possivelmente predominando o factor migratório.

VII — População por idades no país

Grupos de idades	Números absolutos	%
0 a 4 anos	829.141	10,7
5 » 9 »	835.721	10,8
10 » 14 »	803.356	10,4
15 » 19 »	748.482	9,7
20 » 24 »	630.682	8,2
25 » 29 »	608.386	7,9
30 » 34 »	556.636	7,2
35 » 39 »	495.900	6,4
40 » 44 »	422.388	5,5
45 » 49 »	375.181	4,9
50 » 54 »	346.166	4,5
55 » 59 »	285.422	3,7
60 » 64 »	262.328	3,4
65 » 69 »	194.270	2,5
70 » 74 »	140.144	1,8
75 » 79 »	86.974	1,1
80 » 84 »	47.435	0,6
85 » 89 »	17.949	0,2
90 » 94 »	7.623	0,1
95 » 99 »	3.457	0
100 e mais	440	0

VIII — População por idades na cidade de Lisboa

Grupos de idades	Números absolutos	%
0 a 4 anos	41.521	5,8
5 » 9 »	50.084	7
10 » 14 »	55.189	7,7
15 » 19 »	65.675	9,2
20 » 24 »	66.469	9,3
25 » 29 »	71.081	10
30 » 34 »	66.530	9,3
35 » 39 »	59.607	8,4
40 » 44 »	51.926	7,3
45 » 49 »	44.909	6,3
50 » 54 »	37.527	5,2
55 » 59 »	28.747	4
60 » 64 »	23.377	2,3
65 » 69 »	17.591	2,4
70 » 74 »	12.067	1,6
75 » 79 »	7.544	1,5
80 » 84 »	3.930	0,5
85 » 89 »	1.503	0,2
90 » 94 »	633	0,0
95 » 99 »	284	0,0
100 e mais	26	0,0

IV — ESTADO CIVIL

No recenseamento de 1940, a população da cidade compunha-se de 155.014 solteiros, 86.134 casados, 118 separados judicialmente, 1.484 divorciados e 19.559 viúvos. Dos solteiros, 70.729 eram varões e 84.285 fêmeas. Nuns e noutros, há que deduzir, respectivamente, 39.559 varões menores de 18 anos e

36.180 fêmeas menores de 16 anos, que, nas condições normais, não podiam contrair matrimónio (1).

Seguem-se os quadros de percentagens de estado civil para a cidade do Porto e para o país:

IX — Percentagens, segundo estado civil, na população do Porto

Censos	Solteiros		Casados		Separados judicialmente		Divorciados		Viúvos	
	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F
1864	65,5	63,5	30,3	26,3	—	—	—	—	4,2	10,2
1878	63,7	61,4	32,4	28,7	—	—	—	—	3,9	9,9
1890	63,9	61,4	32,7	29,4	—	—	—	—	3,4	9,2
1900	63,8	62,5	32,8	28,3	0,1	0,1	—	—	3,3	9,1
1911	63,7	62,5	32,4	27,7	0,3	0,3	0,1	0,1	3,5	9,4
1920	61,9	60,6	34,1	28,7	0,1	0,1	0,3	0,3	3,6	10,3
1930	60,6	58,4	35,8	30,0	0,04	0,1	0,3	0,5	3,2	11,0
1940	59,9	58,4	36,3	30,0	0,04	0,05	0,5	0,6	3,2	10,9

Como indicam o quadro e o gráfico respectivo (fig. 7), a percentagem de solteiros e solteiras na cidade do Porto tem diminuído, duma maneira progressiva, desde 1864 até 1940, notando-se, apenas, um aumento sensível na percentagem destas últimas de 1890 a 1900. A percentagem de homens solteiros tem-se mantido sempre bastante mais elevada que a das mulheres.

Quanto ao país, em geral, as curvas acompanham quase sempre as da cidade do Porto, havendo, porém, percentagens inferiores de solteiros e solteiras.

(1) A partir de 1 de Agosto de 1940 a idade núbil foi modificada para 16 anos nos varões e 14 nas fêmeas.

Inversamente, no gráfico dos casados (fig. 8), nota-se um aumento de percentagem, sempre progressivo nos varões, com uma baixa no das mulheres de 1890 a 1911, para a cidade, o que está em relação com o aumento do número destas por 100 homens, que se acentua bastante durante este período. No país, a percentagem de mulheres casadas e mesmo a dos homens, embora em menor escala, tem sido sempre mais elevada que na cidade do Porto considerada separadamente.

X — No país

Censos	Solteiros		Casados		Separados judicialmente		Divorciados		Viúvos	
	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F
1864	63,5	61,7	32,1	29,6	—	—	—	—	4,4	8,7
1878	62,3	60,4	33,6	31,2	—	—	—	—	4,1	8,4
1890	62	59,6	34,1	32,1	—	—	—	—	3,9	8,3
1900	62,3	59,5	34	31,9	0,05	0,05	—	—	3,6	8,5
1911	62,4	59,2	34	32,2	0,08	0,08	0,04	0,05	3,4	8,4
1920	62,1	58,7	34,3	32,4	0,04	0,05	0,1	0,1	3,4	8,7
1930	60,8	57	35,8	33,7	0,03	0,04	0,1	0,2	3,2	9
1940	61,2	56,7	35,6	34,1	0,03	0,04	0,2	0,3	2,9	8,8

No gráfico dos viúvos (fig. 9), vemos que as curvas referentes ao Porto e ao país em geral se aproximam muito. A percentagem de mulheres é muito mais elevada que a de homens, não apresentando nenhuma delas grandes alterações com o decorrer dos tempos. Entretanto, nota-se que a das viúvas tem aumentado lentamente, ao passo que a dos viúvos tem diminuído, o que está de acordo com o que vimos a propósito da prematuridade da morte nos homens relativamente às mulheres, que se tem vindo acentuando.

No gráfico dos divorciados (fig. 10), as curvas são ascensionais, quase rectilíneas para as mulheres, num crescimento muito

SOLTEIROS

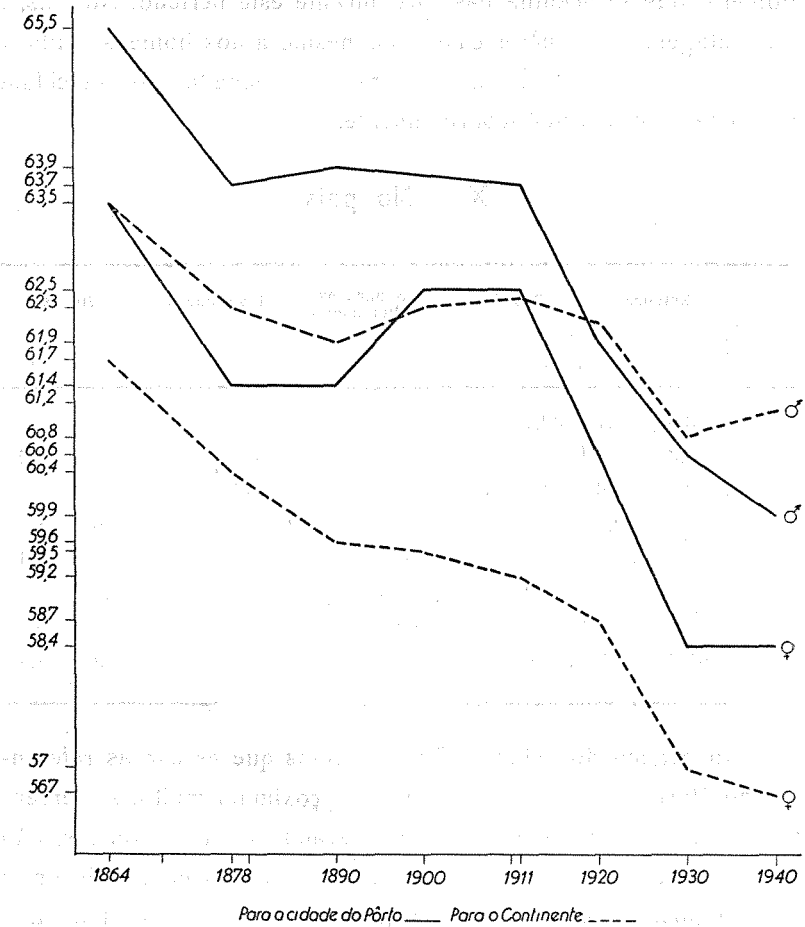


Fig. 7

acentuado de 1911 a 1940. Anteriormente a 1911, não há registo de divórcios, porquanto a lei que os instituiu entrou em vigor em

1 de Abril de 1911. A percentagem de divorciados na cidade do

CASADOS

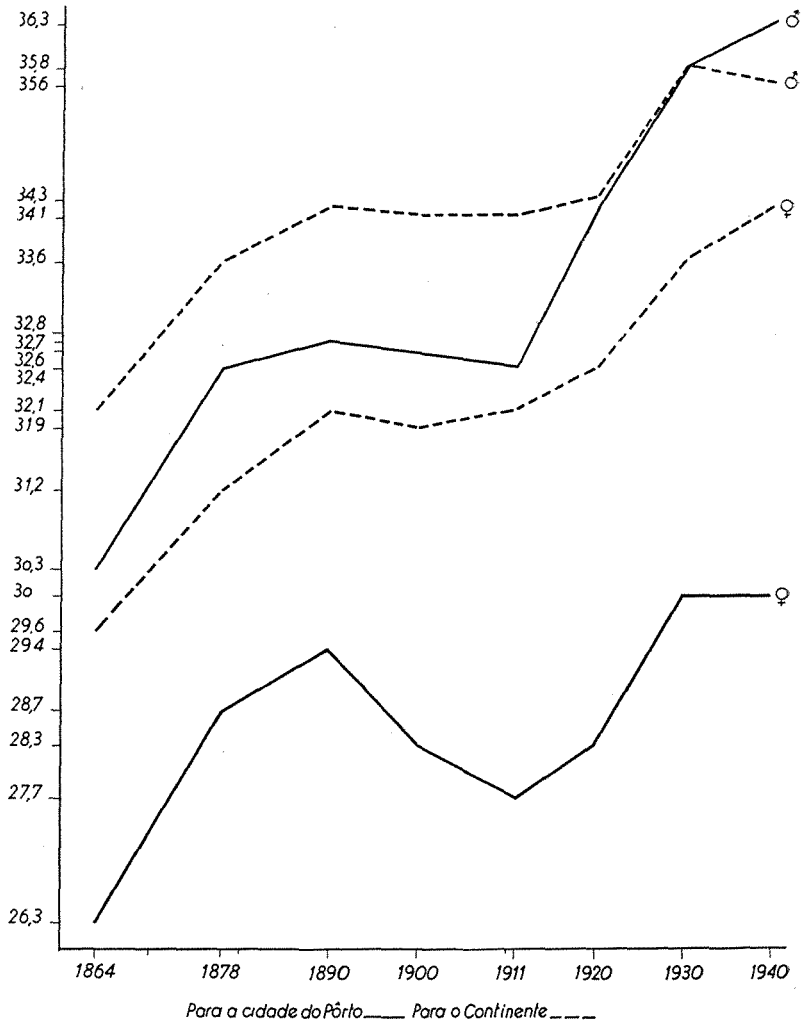


Fig. 8

Porto é manifestamente mais elevada que no país em geral.

Nas curvas dos separados judicialmente (fig. 11), notamos que a sua percentagem aumenta progressivamente de 1900 a 1911,

VIÚVOS

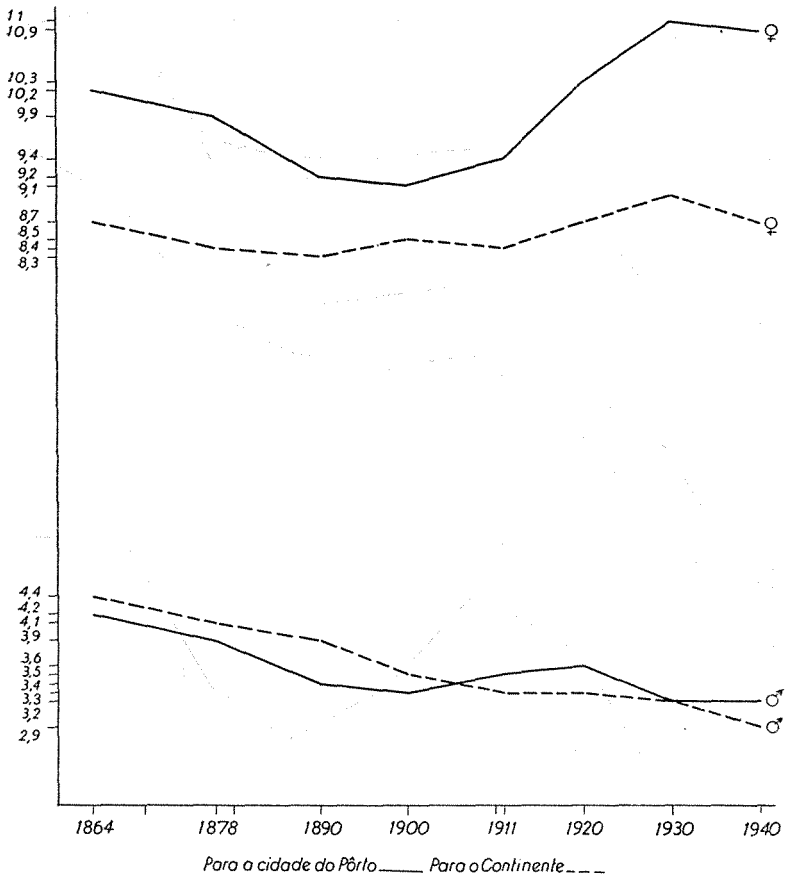


Fig. 9

diminuindo depois, visto que o divórcio veio, a partir dessa altura, substituir grande número de separações judiciais. Anteriormente a 1890 não se registam pessoas separadas judicial-

DIVORCIADOS

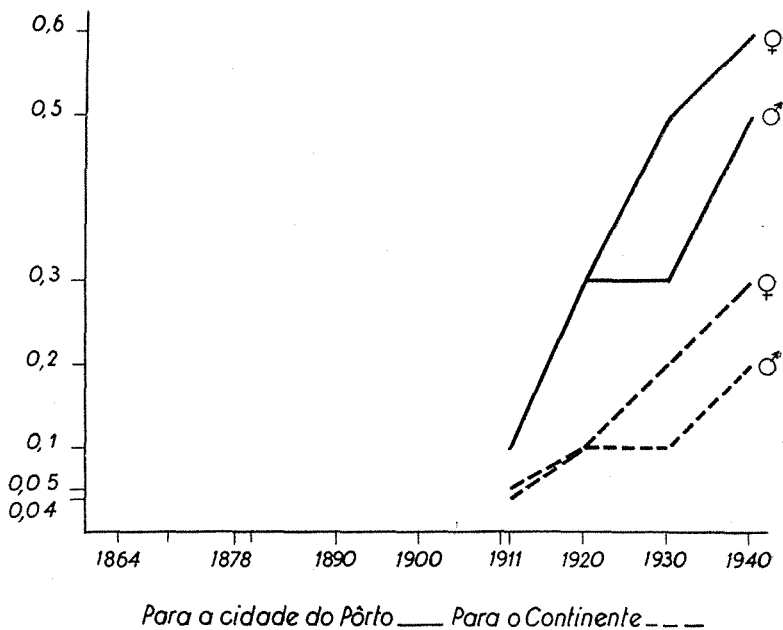


Fig. 10

SEPARADOS JUDICIALMENTE

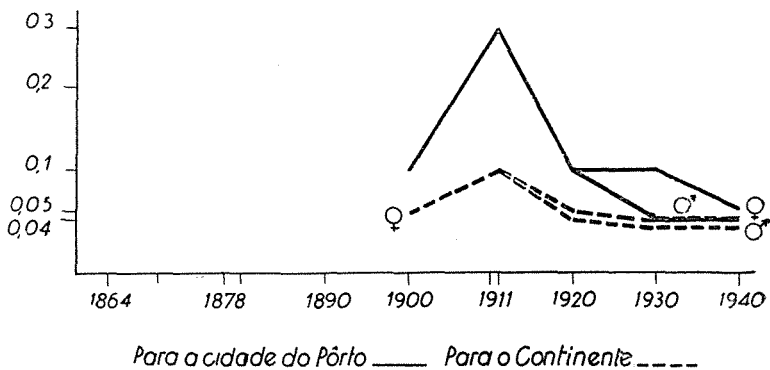


Fig. 11

mente, não obstante essas separações começarem a ser reconhecidas por lei em 1868.

É pena não possuímos elementos que nos permitam obter gráficos idênticos incluindo uns 10 anos a partir da data da concordata com a Santa Sé, que aboliu os divórcios para os casamentos contraídos pela Igreja. É possível que, em 10 anos, já se pudesse observar uma queda na curva dos divorciados e uma ascensão na dos separados judicialmente.

V — PROFISSÕES

A actividade profissional é um carácter eminentemente típico de qualquer população. Por isso, todo o estudo demográfico tem de incidir também sobre este aspecto da vida.

Na cidade do Porto, conforme indicam as estatísticas, a população activa de idade superior a 10 anos constitui 81,3 % do total.

O quadro que se segue põe em confronto essa percentagem com as correspondentes à população desempregada, inválida e inactiva.

XI — População do Porto segundo a actividade

	Números absolutos	%
Total	221.355	100
População activa	179.996	81,3
População desempregada	10.521	4,8
População inválida	5.727	2,6
População inactiva	25.111	11,3

A proporção dos varões era a seguinte:

	Números absolutos	o/o
População activa	71.674	39,8
População desempregada	8.302	78,9
População inválida	2.567	44,8
População inactiva	11.585	62,1

Quanto à idade, a população activa distribuía-se do seguinte modo:

XII — População activa do Porto por idades

Grupos de idades	Números absolutos	o/o
De 10 a 14 anos.	8.559	4,8
» 15 » 19 »	18.421	10,2
» 20 » 29 »	42.630	23,7
» 30 » 39 »	39.151	21,7
» 40 » 49 »	30.232	16,8
» 50 » 59 »	20.841	11,6
» 60 e mais anos	19.670	10,9

Foram 450 as profissões apuradas na cidade do Porto.
As principais são as seguintes:

Profissões	Total
Criados	18.023
Costureiras não discriminadas	5.217
Caixeiros de balcão	5.103
Comerciantes	4.853
Empregados de escritório	3.424
Tecelões	3.102
Serralheiros civis	2.699
Operários não especializados	2.638
Oficiais de sapataria	2.499
Trabalhadores agrícolas.	2.104

As percentagens de situações nas diferentes profissões eram as seguintes:

XIII — População do Porto segundo a situação na profissão

	Patrões	Isolados	Funcionários	Empregados	Assalariados	Pessoas de família
Total	5,8	2,5	7,8	30,7	29,3	2,5
Agricultura e pesca	0,2	0,2	0,1	18,8	34,1	2,2
Indústrias extractivas	5,2	—	2,3	25	46,7	—
Indústrias transformadoras	5,3	2,3	0,2	16,2	53,7	0,5
Obras públicas e construções	4,3	0,9	1,9	6,4	66,4	0,1
Transportes e comunicações	4,3	1,2	10,7	34,6	31,1	0,1
Comércio e seguros	18,4	5,8	0,1	45,9	10,1	0,1
Serviços de interesse geral	0,4	3,5	54,7	13,7	11,2	0,7
Serviços diversos	1,9	0,9	0,1	62,2	11,1	0,1

Ao contrário do que sucede com todas as outras cidades do país, incluindo Lisboa, a percentagem global de empregados no Porto é superior à de qualquer outra. Esta superioridade, única na cidade do Porto, revela, mais uma vez, o carácter eminentemente comercial da cidade, que, como vimos, sempre tem sido, através dos tempos, o seu traço mais marcante.

*

* *

Dado este esboço de aspectos demográficos da cidade do Porto em várias épocas, reservamos para o final dum trabalho

de conjunto as considerações que o presente estudo parcelar nos sugere.

Haverá, então, que ligar o que fica dito com elementos biológicos e históricos e ainda com indicações estatísticas sobre o movimento da população e sua composição no ponto de vista da naturalidade.

A interdependência e correlação desses assuntos impossibilitam-nos, por enquanto, de tirar outras conclusões parciais, além das sumariamente enunciadas no decorrer da nossa explanação.

Instituto de Antropologia da Universidade do Porto
(Centro de Estudos de Etnologia Peninsular).